

tém, subterraneamente, no seu coração, as estruturas do pensamento simbólico-mágico-mítico, escondidas sob as do pensamento lógico-empírico-racional.

A virulência de uma ideologia pode tornar-se extrema. A ideologia, vale lembrar, sempre teve uma força motora derivada da sua forte carga mitológica e do seu caráter *político*, isto é, de práxis, na cidade. As ideologias apossam-se e subjagam então os humanos, como faziam os deuses. É certo que os humanos obtêm, em troca, satisfações psíquicas; possuem a verdade que os possui, controlam o universo através de uma ideologia, gozam, como em verdadeiros coitos psicológicos, com a repetição dos seus *themata* obsessivos, os quais fornecem à doutrina o seu erotismo enfeitador. Logo, os humanos chegam a viver e a morrer pela idéia.

Aparentemente, os Tempos modernos caracterizam-se pela dominação dos sistemas abstratos de idéias ou ideologias e pelo retrocesso dos sistemas mitológicos e religiosos. Mas, a grande e real laicização da noosfera não deve mascarar a invasão dos mitos no seu próprio interior. Assim, vimos a razão, bifurcando da racionalidade para a racionalização, tornar-se ídolo e mesmo deusa. A razão só existe como atividade crítica e autocrítica, mas tornou-se uma entidade em si, arrogando-se a soberania, a providencialidade e, no limite, a divindade. Do mesmo modo, a ideologia científica constituiu-se como sistema ao mesmo tempo racionalizador e idealista, suscitando a aglutinação em si dos mitos da Certeza, da Razão, do Progresso; assim, a ciência viu-se atribuir a missão providencial de guiar a humanidade para a salvação terrestre.

É nessas condições que a palavra Razão se torna insensata e a palavra ciência, anticientífica. Adorno e Horkheimer viram bem que a Razão (fechada) torna-se ela própria autoritária: ao estender a sua universalidade potencial ao universo, apropria-se do universo, identifica a sua ordem à ordem cósmica ou histórica e apossa-se das leis da Natureza. A Razão, com maiúscula, abstrata e racionalizadora, instaura uma guilhotina ideológica e uma potencialidade totalitária.

Já portadoras de paixões e de violências, a mitificação e a deificação que penetram na ideologia abstrata serão penetradas pela fria crueldade da lógica, pelo delírio gelado da racionalização. Assim, o nazismo e o stalinismo associaram o frio absoluto da sua lógica e o fogo devorador da sua salvação para realizarem as maiores exterminações da história.

O fenômeno-chave deste século é o desfraldar mito-religioso de grandes ideologias políticas com, primeiro, o triunfo e, depois, no fim do século, a erosão (provisória? definitiva?) dos mitos da salvação terrestre.

As ideologias da promessa

Tomemos o exemplo privilegiado e ainda morno do marxismo para ilustrar a nossa afirmação. O marxismo era, no ponto de partida, um sistema de idéias muito complexo e ambivalente; uma filosofia que pretende superar a filosofia para tornar-se ciência. Mas, desde que se pretende a única e verdadeira ciência, cessa de ser teoria para tornar-se doutrina e impõe-se como doutrina ortodoxa no ecossistema político do partido que dela se reclama.

O marxismo, enquanto sistema filosófico, comporta três núcleos fortemente soldados em um só: 1) o paradigma que determina as categorias fundamentais e o modo de utilização da lógica (materialismo dialético); 2) o princípio do devir antro-po-histórico através do jogo dialético do desenvolvimento das forças produtivas e da luta de classes (materialismo histórico); 3) a missão histórica do proletariado, destinado a instaurar a sociedade sem classe e pôr fim à pré-história humana. O caráter místico do terceiro núcleo foi, simultaneamente, camuflado e exaltado pelo caráter “científico” dos dois primeiros.

O marxismo torna-se ideologia quando o sistema perde a sua complexidade (riqueza e ambigüidade), quando uma das suas versões ideológicas simplificadas degrada-se em doutrina ortodoxa (única ciência verdadeira, previsão certa do futuro) e quando o fermento messiânico da salvação terrestre, assumindo o comando